



**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE USO CORRETO E CUIDADOS COM  
MEDICAMENTOS EM CUIDADORES DE PACIENTES NA UNIDADE  
PEDIÁTRICA DE UM HOSPITAL**

*ASSESSMENT OF KNOWLEDGE ABOUT PROPER USE AND CARE MEDICATIONS IN  
CAREGIVERS OF PATIENTS IN PEDIATRIC UNIT OF A HOSPITAL*

**Josa Kieling Finardi Vieira<sup>1</sup>, Magda Susana Perassolo<sup>1\*</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Feevale.

\* Autor para correspondência: magdaperassolo@feevale.br

**Recebido em 30/12/2010, Aceito em 26/08/2011**

RESUMO: A carência de informações sobre a doença e o uso correto das medicações pode contribuir para a sua administração inadequada e impedir que um tratamento medicamentoso seja efetivo. O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento de cuidadores de crianças internadas na unidade pediátrica de um hospital sobre o uso adequado de medicamentos. Foram avaliados 106 cuidadores de crianças internadas na unidade pediátrica de um hospital. Estes reponderam questões objetivas de múltipla escolha direcionadas a sua prática diária para avaliação do modo de administração, compreensão e cumprimento de uma prescrição e a sua importância para que um tratamento seja efetivo, automedicação, conhecimento sobre quais as pessoas são habilitadas para indicar o uso de medicamentos, e também fontes ideais para buscas de informação. O presente estudo mostrou que há cuidadores de crianças que estão atualizados ou então informados em relação ao uso adequado de medicamentos, porém, de acordo com os resultados houve entrevistados que ainda apresentaram carência de informação.

PALAVRAS CHAVES: Automedicação, Prescrição de medicamentos, Administração de medicamentos, Interação medicamentosa, Saúde Pública.

**ABSTRACT:** The lack of information about the disease and the correct use of medicines can contribute to its administration and to prevent inadequate drug treatment is effective. The objective of this study was to evaluate the knowledge of the caregivers of children admitted to the pediatric unit of a hospital about the appropriate use of drugs. We assessed 106 caregivers of children admitted to the pediatric unit of a hospital. We applied multiple choice objective questions directed to the practice of their daily lives. They answered questions about the knowledge of them on the appropriate use of medicines, for example, mode of administration, understanding and fulfillment of a requirement and its importance for a treatment is effective, self-medication, knowledge of which people are enabled to indicate the use of drugs, and also an ideal source for information searches. This study showed that there are caregivers of children who are then updated or informed about the appropriate use of medicines, but according to the results that were interviewed showed a lack of information.

**KEY WORDS:** Self-medication, prescription drugs, administration of medications, drug interactions, Public Health.

## **INTRODUÇÃO**

Atualmente, pode-se dizer que ainda existem muitos pais ou responsáveis por crianças que não tem um conhecimento adequado ou suficiente quanto ao uso correto de medicamentos, como, por exemplo, modo de administração e armazenamento, uso de medicação na amamentação e gestação, uso ou não de medicamentos com alimentos, compreensão de uma prescrição médica e automedicação. Essa falta de informação pode ser um dos motivos para que muitos pais não cumpram um tratamento adequado com seus filhos, impedindo que o mesmo possa ser efetivo.

De acordo com Dall Àgnol et al em 2004<sup>(1)</sup> a falta de conhecimento em relação ao uso correto de medicamentos pode contribuir para o cumprimento inadequado do tratamento, a automedicação, interações medicamentosas, reações adversas, intoxicações, falhas terapêuticas e erros de medicação.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que a automedicação ocupa um importante lugar no sistema de cuidados da saúde, e vários estudos a consideram um motivo de grande preocupação, especialmente no Brasil<sup>(2)</sup>. Estudos mostram que o uso irracional de medicamentos em crianças e adolescentes ainda é uma prática real

e frequente, e que se observa uma predominância de mães em administrar medicamentos sem prescrição médica para as mesmas<sup>(3)</sup>.

Quanto a fontes de informações, algumas pessoas procuram bulas para adquirir conhecimento sobre o uso de medicamentos. Apesar de ser uma fonte de consulta obrigatória a ser oferecida para os consumidores, encontram-se ainda muitas que não atendem a lei vigente RDC 140/03 que estabelece regras das bulas de medicamentos para pacientes e para profissionais de saúde; como por exemplo, indicações, posologia, superdosagem e interações medicamentosas<sup>(4)</sup>.

Quanto às prescrições médicas, ainda existem aquelas com letra ilegível podendo ocorrer erros de interpretação por parte de pacientes, farmacêuticos e funcionários de drogarias. Portanto, isso pode ocasionar agravo ao estado de saúde do paciente. Em um estudo de avaliação de prescrições observou-se que apenas 64% das receitas estão descritas de forma legível, 32,39% foram pouco legíveis e 3,14% totalmente ilegíveis<sup>(5)</sup>.

A falta de informação dos pais sobre uso correto e adequado de medicamentos também contribui para a prevalência de automedicação em crianças e adolescentes, independente do nível socioeconômico. Em um estudo realizado em crianças entre a

faixa etária de 4 dias a 18 anos naqueles que utilizaram medicamentos segundo a prescrição médica, foi observado uma prevalência de 56,6% de automedicação<sup>(3)</sup>.

Portanto, devido a todos esses fatores, o objetivo desse estudo foi avaliar o nível de conhecimento sobre uso racional e cuidados de medicamentos em pais e cuidadores de pacientes, na unidade pediátrica de um Hospital.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo quantitativo com delineamento transversal que avaliou o grau de conhecimento sobre uso correto de medicamentos em cuidadores de crianças hospitalizadas na unidade pediátrica de um hospital, no período entre fevereiro e abril de 2010. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale de Novo Hamburgo sob protocolo nº 4.03.03.09.1546.

O público-alvo foi composto por cuidadores das crianças internadas nesta unidade. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado com questões objetivas de escolha múltipla. A elaboração das perguntas foi de acordo com os objetivos propostos, com texto simples e claro, com linguagem popular, a fim de

facilitar a compreensão do entrevistado, incluindo na entrevista também dados do entrevistado, como nome, sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade, renda mensal e número de filhos.

O questionário aplicado aos entrevistados foi composto por questões que avaliassem: o nível de conhecimento em relação à forma de administração dos medicamentos; o nível de informação sobre o cumprimento de horários em relação ao uso dos medicamentos; o conhecimento sobre a utilização de medicamentos com alimentos; o conhecimento sobre a forma de armazenamento de medicamentos; o conhecimento sobre uso de fármacos na amamentação; o nível de compreensão sobre os itens de uma prescrição e demonstrar o nível de conhecimento sobre a prática da automedicação, bem como identificar fontes individuais de informação sobre medicamentos.

Todos cuidadores (106) de crianças presentes no local de estudo, que concordaram em participar mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido foram inclusos no trabalho. Para a coleta de dados, o pesquisador entrava nos quartos desta unidade, e ao abordar o cuidador, o pesquisador se apresentava e comunicava que estava realizando um trabalho de cunho científico. Após a apresentação,

o cuidador era convidado a participar desse estudo; e se o mesmo concordasse, assinava duas vias do termo de consentimento livre e esclarecido sendo que uma ficava com ele, e outra com o pesquisador.

A frequência das visitas à unidade foi de duas vezes por semana, já que muitos pacientes ficam internados por mais de uma semana, e isso poderia ocasionar repetições de cuidadores e impedindo que ocorram novas entrevistas.

Para análise de dados, foi realizado um banco de dados em planilha Excel e apresentados com estatística descritiva (média, desvio padrão e percentual). Os dados coletados foram agrupados em tabelas e gráficos para facilitar a compreensão dos resultados obtidos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram avaliados 106 cuidadores de crianças internadas da unidade pediátrica de um Hospital, sendo que dos entrevistados 92% (98 cuidadores) foram do sexo feminino e 7,5% (8) do sexo masculino, sendo a maior parte dos entrevistados casados (67,0%). A média de idade foi de 30,7 ± 8,2 anos e de filhos 2,2 ± 1,8. Observou-se ainda que 51,9% tinham ensino médio e 26,4% ensino fundamental. Quanto à renda familiar dos que responderam à questão

optativa (75 de 106), 30,2% recebiam até um salário mínimo (Tabela 1).

**TABELA 1 - Características sócio-demográficas dos cuidadores de pacientes pediátricos**

Característica	Frequência (%)
Sexo	
Feminino	98 (92,45)
Masculino	8 (7,54)
Idade	30,7 ±8,2
Nº Filhos	2,2 ± 1,8
Estado Civil	
Solteiro	32 (30,19)
Casado	72 (67,92)
Viúvo	2 (1,89)
Escolaridade	
Analfabeto	2(1,89)
Ensino Fundamental	28 (26,41)
Ensino Médio	55 (51,88)
Ensino Superior Incompleto	15 (14,15)
Ensino Superior Completo	5 (4,71)
Não responderam	1(0,94)
Renda*	
Até um salário mínimo	32(30,19)
De 1 a 2 salários mínimos	21(19,81)
De 2 a 3 salários mínimos	14(13,2)
De 3 a 5 salários mínimos	6 (5,66)
Desempregado	2 (1,89)
Não responderam	31(29,24)

\*Questão renda opcional

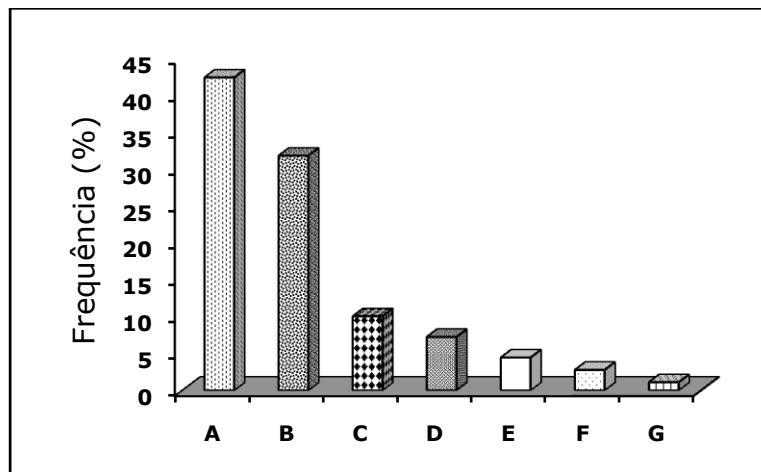
Quanto à questão sobre receber informações de medicamentos em farmácias ou postos de saúde apenas 43,4% responderam que recebem orientações sobre o modo de uso correto de medicamentos, 34,0% responderam "de vez em quando" e 20,8% afirmaram que não recebiam

informações sobre os medicamentos no momento da sua aquisição.

Esse resultado mostrou que ainda é precária a forma de dispensação dos medicamentos, pois apesar da maior parte dos cuidadores terem afirmado que recebiam informações sobre os mesmos em

postos de saúde e farmácias, ainda há muitos pais e familiares que recebem esporadicamente ou então nunca recebem orientações quanto ao seu uso adequado. Isso pode ser justificado, através de um estudo que relata que no Brasil, o farmacêutico não tem atuação destacada no acompanhamento da utilização de medicamentos, na prevenção e promoção da saúde e ainda é pouco reconhecido como profissional de saúde tanto pela sociedade quanto pela equipe de saúde<sup>(6)</sup>. Nesse mesmo estudo, de 78 farmácias avaliadas, apenas 12 (15,4%) farmácias tinham um local reservado para atenção farmacêutica e muitos farmacêuticos entrevistados não conseguiam exercer a assistência aos pacientes por falta de tempo<sup>(6)</sup>.

Em relação à busca de conhecimento sobre medicamentos, 97,2% dos cuidadores procuram orientações sobre o seu uso para um melhor entendimento e resolução de suas dúvidas. Para saná-las, a maioria (42,5%) verifica a bula, em segundo perguntam ao médico (31,8%) e apenas 10% resolviam suas dúvidas com o farmacêutico (Figura 1). Pode-se salientar que a bula não é a fonte mais adequada devido estudos já apresentarem algumas que continham erros, como por exemplo, uma pesquisa informou que 97,0% das bulas apresentaram-se insatisfatórias quanto a informações técnicas, como, indicações, posologia, superdosagem, interações medicamentosas, entre outros<sup>(7)</sup>.



**FIGURA 1:** Fontes de informação sobre medicamentos. A = bula; B = médico; C = farmacêutico; D = amigos, vizinhos e familiares; E = internet; F = outros profissionais de saúde; G = balconista da farmácia. Questão de escolha múltipla (total de respostas = 179).

Observou-se uma maior busca de orientação sobre os medicamentos em bulas e com os médicos, ficando o farmacêutico apenas em terceiro lugar. É importante que não somente os cuidadores de crianças ou seus responsáveis, como todos os pacientes consultem além do médico o farmacêutico para solução de todos os problemas e dúvidas relacionados com uso de medicamentos. A OMS reconheceu que o farmacêutico é o profissional com melhor capacitação para orientar as pessoas quanto ao uso correto de medicamentos e cuidados, a fim de que compreendam como deve usá-los adequadamente, para uma melhor qualidade de vida<sup>(8)</sup>.

A pesquisa com os cuidadores de crianças também mostrou que 68,9% usam medicamentos indicados pelo médico, 11,4% afirmaram que utilizavam-os por conta própria, e somente 8,3% indicados por farmacêuticos. Isso mostra que atuação do farmacêutico está sendo pouco efetiva e que há pouca procura por estes profissionais para orientação ou indicação de medicamentos que não exigem prescrição médica, e sabe-se que o farmacêutico é um profissional habilitado para essa prática. De acordo com o protocolo da Febre<sup>(9)</sup>, a indicação farmacêutica é o processo que conduz ao doente a assumir e se responsabilizar pela melhoria da sua saúde, através da

administração de medicamentos que não requerem receita, destinados à prevenção e ao alívio de queixas autolimitadas, sem recurso à consulta médica. Pode-se dizer que essa procura ao farmacêutico foi baixa provavelmente pelo pouco conhecimento dos cuidadores em relação à existência da Atenção Farmacêutica. Segundo o Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica<sup>(8)</sup> existe ainda, uma crise de identidade do profissional farmacêutico e em consequência, a falta de reconhecimento social e sua pouca inserção na equipe multiprofissional de saúde, não representando um referencial como profissional de saúde na farmácia.

Ainda, 7,6% afirmaram que utilizavam os medicamentos por indicação de amigos, vizinhos ou familiares e 3,8% pelos balconistas das farmácias. Desta forma, pode-se perceber também que a prática da automedicação ocorre em mais de 20% dos entrevistados. Apesar de quase 70% utilizar medicamentos por indicação de médico, ainda existem cuidadores ou pais de crianças que os usam por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas como familiares, amigos e balconista de farmácia. Sabe-se ainda, que o profissional farmacêutico busca atualmente o seu espaço na farmácia, embora na maioria das regiões do Brasil a desvalorização da profissão

ainda é evidente, mas o farmacêutico dentro de suas habilitações é o profissional capacitado para prestar atenção farmacêutica, cujo objetivo principal é conscientizar o indivíduo/paciente que os medicamentos utilizados de forma adequada e sob orientação médica propiciam alívio de males que afetam a sua saúde<sup>(10)</sup>. O que pode influenciar a automedicação é que no Brasil, a farmácia ainda não é reconhecida com uma unidade de saúde e, sim, um ponto comercial de vendas de medicamento e produtos, e estes medicamentos, vendidos sem receita médica, possibilitam ao uso irracional de medicamentos motivado por fatores socioeconômicos<sup>(10)</sup>.

Os cuidadores de crianças também foram questionados quanto à compreensão de prescrições médicas, sendo que mais da metade dos entrevistados (55,7%) afirmaram compreendê-las de vez em quando, 34,0% relataram conseguir compreender bem as prescrições e 10,4% informaram não entendê-las. O que se pode perceber é um resultado preocupante, uma vez que, a prescrição é uma fonte de informação sobre o uso de medicamentos de forma adequada como, por exemplo, modo de administração, horário e dose. Pode se observar que o número de cuidadores que entendem bem uma prescrição foi baixo se comparado

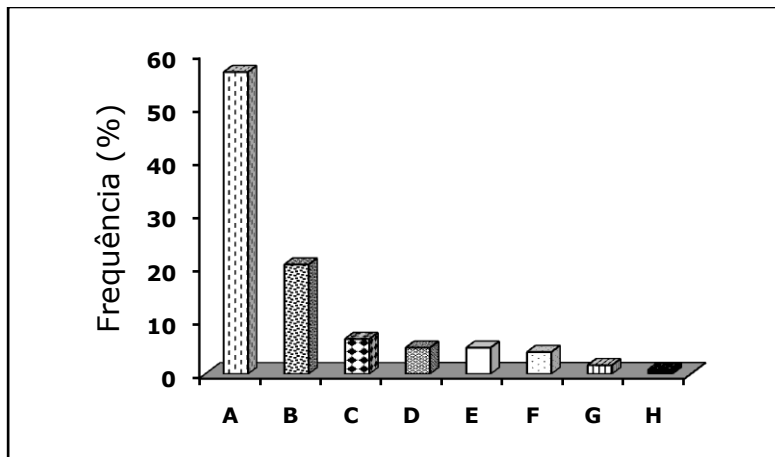
com aqueles que relataram entendê-las de vez em quando, somando com índice percentual dos cuidadores que informaram não compreendê-las (66%). Portanto, essa pesquisa mostrou que mais da metade de cuidadores não acham que as prescrições são descritas de forma clara e legível, pois a maioria respondeu que às vezes conseguiam compreendê-las e ainda houve alguns que afirmaram não entendê-las nenhum pouco. Segundo um estudo sobre prescrições médicas, a prescrição exerce papel fundamental no tratamento medicamentoso. A falta de informação na prescrição pode interferir na comunicação interprofissional, prejudicando-a, e também pode levar aos erros de medicação ao paciente. A legibilidade da receita pode influenciar a qualidade terapêutica sendo até uma das causas para o uso incorreto de medicações<sup>(11)</sup>.

Quanto à avaliação sobre o modo de administração de medicamentos, a maioria dos entrevistados afirmou que os tomavam com no mínimo meio copo de água, seguidos daqueles que informaram que também os administravam com água, porém apenas com um gole. A minoria dos cuidadores informou que tomam seus medicamentos com chás, sem nada junto com a medicação, com leite ou com alimentos (Figura 2). Sabe-se



que a recomendação geral é ingerir os medicamentos com bastante água para que eles sejam bem absorvidos, pois a absorção ocorre mais rapidamente se o estômago e o trato intestinal superior encontrarem-se vazios. Uma dose eficaz quando tomada antes de uma refeição pode ser menos eficaz se for administrada durante ou após a ingestão de alimentos, portanto, as interações

entre medicamentos e alimentos podem afetar a absorção do fármaco<sup>(12)</sup>. No entanto, para alguns fármacos é recomendado que seu uso ocorra após a alimentação, devido ao fato de provocar efeitos irritativos na mucosa gastrointestinal<sup>(13)</sup>. Ainda, o uso de chás com os medicamentos também pode provocar interações importantes e deve ser evitado<sup>(13)</sup>.



**FIGURA 2:** Modo de administração de medicamentos. A = mínimo ½ copo de água; B = um gole apenas de água; C = chás; D = mínimo ½ copo de suco; E = sem nada junto com medicação; F = sempre com leite; G = com alimentos; H = mínimo ½ copo de refrigerante. Questão de escolha múltipla (total de respostas = 122).

O uso de amoxicilina em suspensão para as crianças foi avaliado devido à alta frequência do seu consumo na pediatria. De acordo com um estudo sobre o uso de antimicrobianos em crianças, esse medicamento foi o mais usado em relação a outros antibióticos e o mais prescrito para tratamento de problemas respiratórios<sup>(14)</sup>. Na

pesquisa realizada com os cuidadores das crianças, 54,4% informaram que armazenam esta preparação em geladeira e realizam o tratamento com as crianças de acordo com a prescrição, durante o tempo de tratamento prescrito. Deve-se salientar que o produto deve ser conservado em sua embalagem original, ao abrigo da umidade e do

calor em temperatura que não seja superior a 25°C, e após a reconstituição, permanece estável por 14 dias se conservada abaixo de 25°C<sup>(15)</sup>. No entanto, 27,2% marcaram como resposta certa a alternativa que diz que a validade correta do medicamento, após aberto, é a que se apresenta na caixa; 8,8% afirmaram não saber como é o preparo dessa medicação, 7,01% responderam que após o término do tratamento o medicamento preparado pode ser guardado para um próximo tratamento e 2,63% dos entrevistados não responderam à questão. Nessa questão pode-se observar que apesar de muitos cuidadores armazenarem adequadamente esse medicamento, e também afirmar que cumprem o tratamento prescrito pelo médico, ainda há algumas pessoas que não tem conhecimento sobre o prazo de validade dessa medicação ou então não sabem o modo de uso, o que é preocupante, uma vez que este medicamento é o antibiótico mais prescrito para esta faixa etária e seu uso incorreto pode levar ao surgimento de resistência bacteriana<sup>(15)</sup>.

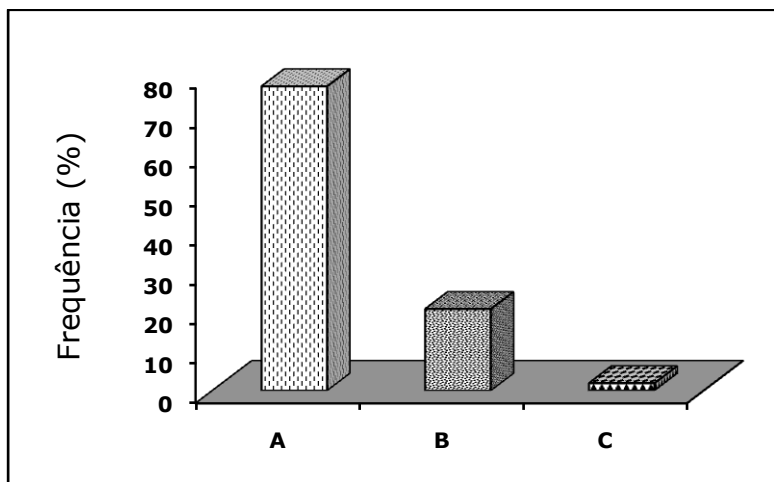
Quanto à questão sobre a responsabilidade de verificar o vencimento dos medicamentos que os cuidadores possuem em suas residências, obteve-se um resultado satisfatório, pois 89,6% afirmaram

que verificam a data de validade, apenas 5,7% informaram que olhavam esporadicamente o vencimento antes do uso e somente 4,7% responderam não ter costume de observar. Pode-se verificar nesta questão que a grande maioria dos cuidadores entrevistados verifica os medicamentos antes de usá-lo, apesar de alguns estudos mostrarem que há uma prevalência alta de pessoas que utilizam medicamentos com data de validade vencida<sup>(16)</sup>. No entanto, cerca de 10% dos entrevistados não tem a prática de verificar a validade dos seus medicamentos periodicamente. Conforme um estudo que avaliou o armazenamento adequado dos medicamentos em domicílios, em que houve casos de intoxicação por medicamentos, observou-se que, nos domicílios visitados foi encontrado pelo menos um medicamento fora do prazo de validade e que o elevado porcentual de medicamentos vencidos indica a falta de cuidado e o desconhecimento inerente aos riscos da má utilização. Sabe-se que a medicação nessas condições pode ser prejudicial à saúde, não ter o seu efeito terapêutico<sup>(16)</sup>.

Em relação ao cumprimento do tratamento com a prescrição médica (tempo de tratamento, dosagem e horário), a maior parte dos entrevistados respondeu cumprir o tratamento quando recebem

prescrição médica, tanto com eles como para seus filhos, mas parte deles informou não cumprir às vezes, com a prescrição devido ao esquecimento, e apenas dois cuidadores responderam interromper o tratamento quando os sintomas melhoram (Figura 3). Apesar da maioria dos cuidadores relatarem que cumprem com a prescrição, ainda há aqueles que não a cumprem principalmente por esquecimento. Alguns estudos mostram que em diversos países entre 50% a 60% dos pacientes que recebem uma prescrição não cumprem o tratamento estabelecido pelo médico e muitos o

interrompem quando se sentem melhores<sup>(17)</sup>. A falta de informações relativas ao medicamento é um dos principais fatores responsáveis pelo uso em desacordo com a prescrição médica por 30% a 50% dos pacientes<sup>(17)</sup>. Outro estudo relata que a questão da não adesão ao tratamento medicamentoso prescrito também tem sido de grande preocupação e importância nas últimas décadas por profissionais de saúde, e tem sido estudada pelos mesmos por se tratar de um ponto fundamental para o sucesso de um tratamento<sup>(18)</sup>.



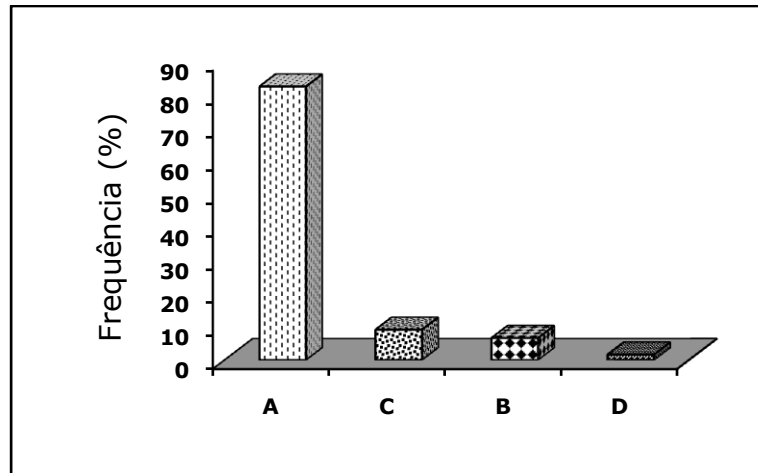
**FIGURA 3:** Adesão ao tratamento. A = sim; B= às vezes não cumpro por esquecimento; C = cumpro até melhorar os sintomas.

Em relação à amamentação, os entrevistados também foram questionados sobre o uso de medicamentos nesse período. Sabe-se que o fármaco é eliminado para o leite materno e com isso o bebê também

ingere o medicamento no momento da amamentação. De acordo com uma pesquisa sobre uso de medicamentos no aleitamento materno, existem muitos fatores que influenciam a segurança do uso do

fármaco durante esse período<sup>(19)</sup>. Como por exemplo, em relação à lactente, deve-se avaliar a absorção do fármaco, eliminação hepática e renal e volume do leite ingerido. Em relação ao fármaco, deve-se analisar a biodisponibilidade, toxicidade, pKa e também o efeito no suprimento lácteo. Conhecer certas características dos fármacos, e sua difusão pelo corpo pode ser útil na identificação do risco do seu uso durante a amamentação; alguns medicamentos podem ter efeitos significativos no aleitamento, exigindo cautelas no uso, ou aqueles que podem ser incompatíveis com a amamentação, ou com efeitos desconhecidos no aleitamento e também àqueles que requerem suspensão temporária na amamentação<sup>(19)</sup>. O resultado dessa questão foi positivo, pois 89,0% afirmaram que durante a amamentação ou gestação a mãe deve sempre ir ao médico para se informar sobre qual medicamento pode ser utilizado nesse período. Apenas 6,7% dos entrevistados responderam que não se pode utilizar nenhum medicamento neste período e o restante (4,3%) afirmaram que neste período não há restrição quanto ao uso de medicamentos, podendo-se usar qualquer um.

As últimas perguntas foram relacionadas à automedicação. Foi perguntado aos cuidadores qual dos medicamentos citados eles mais utilizavam e a sua frequência. 82,5% dos cuidadores afirmaram que os medicamentos que mais utilizavam são os da classe dos analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios. O segundo grupo mais usado (9,2%) foi o dos antibióticos. Em terceiro (6,7%) foram os fármacos que agem sobre trato gastrointestinal. E por último (1,7%) informou utilizar com mais frequência medicamentos da classe dos anti-histamínicos (Figura 4). Este resultado condiz com vários trabalhos sobre automedicação em crianças. Nestes estudos, os principais grupos de medicamentos administrados por automedicação foram os analgésicos/antipiréticos e anti-inflamatórios não-hormonais (52,9%); medicações de ação nos tratos respiratório (15,4%) e gastrointestinal (9,6%)<sup>(3)</sup>. Já, em estudo realizado por Mendes et al em 2004<sup>(20)</sup> sobre prevalência da automedicação na população urbana observou-se que os grupos terapêuticos mais utilizados foram os analgésicos (16,7%) em relação a outras classes de medicamentos.



**FIGURA 4:** Grupo de medicamentos utilizados por cuidadores de crianças. A = analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios; B = antibióticos; C = medicamentos com ação sobre o trato gastrointestinal; D = anti-histamínicos. Questão de escolha múltipla (total de respostas = 120).

Na continuidade dessa questão, os cuidadores foram entrevistados também quanto à frequência de uso desses medicamentos, pois se sabe que o uso excessivo de medicamentos pode trazer muitos danos à saúde. O abuso de medicamentos significa o uso excessivo intencional de um ou mais medicamentos que pode ser persistente ou esporádico, acompanhado de efeitos físicos ou psicológicos prejudiciais<sup>(11)</sup>. 67% dos cuidadores afirmaram que os utilizam raramente, 12,3% que necessitam administrar aproximadamente uma vez ao mês e 9,4% dos cuidadores os utilizam uma vez por semana. Os demais entrevistados relatam usar estes medicamentos mais de uma vez por semana (7,5%) ou diariamente (3,8%). O resultado desse estudo foi contraditório com outros que mostram

que a prevalência da automedicação é alta e que muitas pessoas utilizam abusivamente anti-inflamatórios ou analgésicos<sup>(20)</sup>. Uma das possíveis causas desta contradição é justamente o fato de serem cuidadores de pacientes pediátricos e terem maior cautela em relação à automedicação.

## CONCLUSÃO

Nesse estudo pode-se observar que ainda existem cuidadores de crianças que possuem falta de informações sobre o uso adequado de medicamentos, como por exemplo, modo de administração, fontes de consultas ideais para orientação dos mesmos, cumprimento de um tratamento medicamentoso e compreensão de uma prescrição. A

falta de conhecimento pode causar um tratamento medicamentoso inadequado, não somente com as crianças, mas com todas as pessoas que usam medicamentos no seu cotidiano. A população não está

buscando orientação do farmacêutico, devendo pois haver uma maior reflexão por parte da classe farmacêutica a fim de conseguir melhores resultados.

## REFERÊNCIAS

1. Dall´Agnol RSA, Albring DV, Castro MS, Heineck I. Problemas Relacionados com Medicamentos em Serviço de Emergência de Hospital Universitário do Sul do Brasil. Estudo Piloto. Revista Acta Farmacêutica Bonaerense 2004;23:540-5.
2. Chaves RG, Lamounier JA, César CC. Self-medication in nursing mothers and its influence on the duration of breastfeeding. Jornal de Pediatria 2009;80:129-34.
3. Pereira FSVT, Bucaretychi F, Stephan C, Cordeiro R. Self-medication in children and adolescents. Jornal de Pediatria 2007;83:453-58.
4. BRASIL. ANVISA- Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Resolução RDC nº140, de 29 de maio de 2003. Aprova o "Regulamento que estabelece regras das bulas de medicamentos para pacientes e profissionais de saúde".Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br>, acessado em 05/06/2010.
5. Aguiar G, Silva Junior LA, Ferreira MMA. Ilegibilidade e ausência de informação nas prescrições médicas: fatores de risco relacionados a erros de medicação. Revista Brasileira de Promoção à Saúde 2006;19:84-91.
6. Farina SS, Lieber NSR. Atenção Farmacêutica em Farmácias e Drogarias: existe um processo de mudança? Saúde e Sociedade 2009;18:7-18.
7. Gonçalves SA, Mello G, Tokarski MHL, Branco AB. Bulas de medicamentos como instrumento de informação técnico-científica. Revista de Saúde Pública 2002;36:33-39.
8. Ivama MA, Noblat L, Castro MS, Oliveira NVBV, Jaramillo NM, Rech N. Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica, Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2002. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/PropostaConsensoAtenfar.pdf>,  
acessado em 20/10/2010.

9. Protocolo da Febre. "Indicação Farmacêutica no Uso Racional de Medicamentos Não Sujeitos a Receita Médica." Grupo Profissional da Farmácia de Oficina, Lisboa, 2006.

10. Souza HWO, Silva JL, Neto MS. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. Revista Eletrônica de Farmácia 2008;1:67-72.

11. Souza JMC, Thomson JC, Catist DG. Avaliação de prescrições medicamentosas de um hospital universitário brasileiro. Revista Brasileira de Educação Médica 2008;32:188-96.

12. Ansel HC, Popovvich NG, Allen Jr LV. Formas Farmacêuticas de Liberação de Fármacos. 8.ed. Porto Alegre: Tomo Editora Artmed 2007, pp.76.

13. Zanetti A, Duaneto A, Marques L, Rascado R. Interação entre Medicamentos e Alimentos Centro de Farmacovigilância da UNIFAL – CEFAL, 2009. Disponível em: <http://www.unifalmg.edu.br/cefal/file/boletim%20n%2002.pdf> [cefal/files/file/boletim%20n%2002002](http://www.unifalmg.edu.br/cefal/files/file/boletim%20n%2002002); acessado em 01/06/2010.

14. Abrantes PM, Magalhães SMS, Acúrcio FA, Sakurai E. A qualidade da prescrição de antimicrobianos em ambulatórios públicos da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, MG. Revista Ciência & Saúde Coletiva 2008;13:711-20.

15. BRASIL. ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Bulário Eletrônico, Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br>, acessado em 01/06/2010.

16. Margonato FB, Thomson Z, Paoliello MMB. Determinantes nas intoxicações medicamentosas agudas na zona urbana de um município do Sul do Brasil. Caderno de Saúde Pública 2008;24:333-41.

17. Silva T, Schenkel EP, Mengue SS. Nível de informação a respeito de medicamentos prescritos a pacientes ambulatoriais de hospital universitário. Caderno de Saúde Pública 2000;16:449-55.

18. Leite SN, Vasconcellos MPC. Adesão à terapêutica medicamentosa: elementos para a discussão de conceitos e pressupostos adotados na literatura. *Ciência & Saúde Coletiva* 2003;8:775-82.

19. Chaves RG, Lamounier JA. Uso de medicamentos durante a lactação. *Jornal da pediatria* 2004;80:129-198.

20. Mendes Z, Martins AP, Miranda AC, Soares MA, Ferreira AP, Nogueira A. Prevalência da automedicação na população urbana portuguesa. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas* 2004;40:21-5.